

Regiani Cristina Jacinto Ferreira

## **Religare em Nietzsche: tornar-se a si mesmo e autossuperação**

**RESUMEN:** Analisar a possibilidade de restabelecimento da ligação entre o ser humano e a vida e a superação do niilismo no pensamento nietzschiano, requer uma investigação da compreensão de realidade em Nietzsche. Ao contrário do platonismo e do cristianismo, que negam a vida terrena e afirmam a existência do imutável, para Nietzsche, a realidade é múltipla e mutável, ela é a vida desejante de mais potência presente em todas as coisas. Aqui mostramos que o *religare* em Nietzsche exige do indivíduo que este percorra o tortuoso caminho de superação de si, o caminho do tornar-se a si mesmo.

**PALABRAS CLAVE:** Zaratustra; Niilismo; Tornar-se a si mesmo; Autossuperação; *Religare*.

## **Religare in Nietzsche: become who you are and self-overcoming**

**ABSTRACT:** Analyze the possibility of reestablishing the connection between human beings and life and overcoming nihilism in Nietzsche's thought, requires an investigation of Nietzsche's understanding of reality. Unlike Platonism and Christianity, which deny earthly life and affirm the existence of the immutable, for Nietzsche, reality is multiple and changeable, it is the life that desires more power present in all things. Here we show that the *religare* in Nietzsche requires the individual to follow the tortuous path of overcoming oneself, the path of becoming oneself.

**KEYWORDS:** Zarathustra; Nihilism; Become who you are; Self-overcoming; *Religare*.

---

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-septiembre-2021.

### **Introdução**

Após dez anos de exílio Zaratustra deixa sua montanha movido pelo desejo de transbordar sua sabedoria. Ao chegar à cidade mais próxima, encontra uma multidão no mercado, busca ensinar além-homem, este que é o sentido da terra, e implora à multidão para que ela seja fiel à terra e não acredite naqueles que

► **Regiani Cristina Jacinto Ferreira**, Programa de Pós-graduação do Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. **Autor de correspondência:** (✉) regianicj@hotmail.com — iD <http://orcid.org/0000-0001-5121-7961>

pregam esperanças supra terrenas. Ao longo de toda a obra Zaratustra tece duras críticas ao cristianismo, este que, ao criar o além condena a vida na terra como fonte de pecado. Ao mesmo tempo, o personagem prepara seus discípulos para uma sabedoria trágica, sabedoria esta que é apreendida por Zaratustra ao longo de seu percurso e de suas vivências. Esta sabedoria se consolida na medida em que Zaratustra se percebe enquanto elemento do devir e decide viver em conformidade com o fluxo. Neste caminho, Zaratustra torna-se a si mesmo. O tornar-se a si mesmo é resultado das experiências, vivências e superações do personagem. O percurso do tornar-se a si mesmo exige que o indivíduo supere as afirmações, metafísicas e cristãs, da existência de uma realidade transcendente e imutável em detrimento da vida na terra.

Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche afirma a existência do devir e critica o platonismo e o cristianismo por negarem a vida na medida em que defendem a existência de realidades fixas. Para Nietzsche, a realidade não é fixa e imóvel, mas é múltipla e mutável. Assim, é possível afirmar que no pensamento nietzschiano a realidade que permanece e perpassa todas as coisas é a mutabilidade. O devir é para Nietzsche a própria vida latente que deseja sempre mais potência. Desta forma, faz-se necessário analisar se o caminho do tornar-se a si mesmo proposto por Nietzsche é capaz de romper com o dualismo platônico-cristão a ponto de promover a superação do nilismo e restabelecer a ligação entre o ser humano e a vida.

### ***Religare em Nietzsche***

A filosofia de Nietzsche, em todas as suas fases, é marcada pela crítica à metafísica tradicional, a metafísica da dualidade criada pelo platonismo, popularizada e difundida pelo cristianismo. Segundo Nietzsche, o dualismo promoveu o rompimento entre o ser humano e a vida. Na busca pelo imóvel e eterno, a filosofia platônica criou um mundo perfeito e imutável. Ao afirmar a existência de ideias eternas e imóveis no plano suprassensível, Platão condenou o sensível, o mutável como imperfeito e fonte de erro. O cristianismo, por sua vez, ao pregar a vida eterna, esta que é alcançada após o cumprimento os preceitos da moral cristã, condenou a vida terrena como fonte de pecado.

Nietzsche, por sua vez, compreende a realidade como fluxo, para ele não há o imóvel, o imutável, mas há o vir-a-ser. Segundo Nietzsche, a mutabilidade permeia toda a natureza e apenas ela permanece. Deste modo, embora Nietzsche

questionasse e combatesse a metafísica e o platonismo e suas afirmações de uma realidade imutável e eterna, é possível afirmar que há em seu pensamento algo que permanece, uma verdade no fundo das coisas que não é fixa, mas mutável. Neste sentido, podemos afirmar que há na filosofia nietzschiana uma metafísica.

Na metafísica nietzschiana não há uma realidade transcendente, imóvel, fonte de todo bem. Não há um ser eterno, perfeito e imóvel, mas há uma realidade que perpassa todas as coisas, o devir. Na obra *O nascimento da Tragédia*, esta realidade é chamada de Uno primordial, em *Assim Falava Zarathustra*, ela recebe o nome de vontade de potência.

Em sua obra inaugural, *O nascimento da Tragédia*, é apresentada a ideia de Uno Primordial, a realidade existente no fundo da natureza e o fundamento de todo o existente. Esta força vital se desdobraria fazendo surgir o mundo, o ser humano e a arte com o objetivo de transfigurar sua natureza.

O Uno primordial, de acordo com Nietzsche, é a vida imanente à natureza, o «eterno padecente e pleno de contradição» (Nietzsche 1992, p. 39). Devido sua natureza de dor e contradição, esta realidade busca a transfiguração de si, «[...] o verdadeiramente existente e Uno primordial, enquanto eterno padecente e pleno de contradição necessita, para sua constante redenção, também da visão extasiante, da aparência prazerosa [...]» (Nietzsche 1992, p. 39). De acordo com Nietzsche, somente através da contemplação de si, seria possível transfigurar seu sofrimento. Para se livrar de sua dor originária, o Uno primordial, desdobra-se dando origem, ao mundo fenomênico. Segundo Dias, « uma força vinda dele mesmo obriga-o a fragmentar-se; a multiplicar-se em seres finitos, a fixar-se em imagens e a produzir o mundo das formas individuais da realidade fenomênica» (Dias 1994, p. 28). Mas, por possuir a mesma natureza de dor e contradição da realidade primordial, o mundo fenomênico é, para Nietzsche, uma extensão do Uno primordial, e como tal, não é suficiente para a transfiguração. Desta forma, para a completa transformação de sua natureza de dor, surge a necessidade de uma segunda transfiguração, esta que levará ao surgimento da arte trágica. No processo de criação da arte trágica atuam no artista o apolíneo e o dionisíaco, o sonho e a embriaguez. Aparência e música surgem. A aparência produz a individuação, o indivíduo permanece em si, a música promove a embriaguez, as barreiras corpóreas são rompidas e o artista dionisíaco é conduzido à dor e contradição existente em todas as coisas. Ao vivenciar a realidade presente no fundo da natureza, o indivíduo tomado pelo Uno primordial, consegue

contemprar-se como uma imagem deste. Neste momento, segundo Nietzsche, ocorre a transfiguração do Uno primordial.

Em sua obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche apresenta pela primeira vez a ideia de vontade de potência. Para Nietzsche, a vontade de potência, seria uma luta por dominação, ou ainda, uma luta para ampliar a dominação, ela seria o elemento propulsor do vir-a-ser. Segundo Scarlett Marton, a vontade de potência se manifesta através de «resistências», por meio destas, ela se exerce, e este exercer torna a luta inevitável, de modo que não há interrupção ou mesmo fim para o combate (Marton 1990, p. 30). Segundo a autora, a vontade de potência engendra o devir eterno impulsionado pelas várias forças que desejam sempre mais potência existentes em todos os seres vivos. Nesta luta por mais potência, há hierarquias, mas estas não são perenes, pois o que permanece é a luta. De acordo com Müller-Lauter, todos «os entes» são concebidos por Nietzsche como «quanta de poder» organizados hierarquicamente (Müller-Lauter 1997, p. 105). Para o autor, os antagonismos entre os impulsos, ou ainda as lutas entre as forças em todas as coisas, movem o devir, este que acontece em tudo o «que é», sejam eles seres vivos ou não. Desta forma, os desejos do ser humano, as forças em todos os vivos e não vivos impulsionam o devir. A luta entre forças que querem prevalecer umas sobre as outras, são manifestações da própria vida que quer superar-se.

O Uno primordial em *O nascimento da tragédia*, a vontade de potência no pensamento tardio, são para Nietzsche a vitalidade existente internamente às coisas, a própria verdade múltipla, móvel e mutável presente internamente às coisas e que impulsiona a vida.

Para Nietzsche, com o racionalismo socrático surge a separação entre o homem e a vida, o cristianismo, por sua vez, consolidará esta separação. A afirmação e defesa do ideal, eterno, bom e perfeito, fez com que o homem se afastasse do transitório e mutável. De acordo com Roberto Machado, para Nietzsche, o homem criou o Deus cristão, o além-mundo, o desprezo do corpo e da terra devido ao sofrimento, impotência, doença e medo da morte. Percorrendo o caminho da busca pela verdade, o homem criou o imutável e este, entendido como bom, passa a ser superior, ou ainda, possuir mais valor do que o mundo do devir, mundo do engano (Machado 2001, p. 68). Por desvalorizar e depreciar a vida «temporal» e sua transitoriedade, a vida na terra, em detrimento do suprassensível eterno e verdadeiro, a religião judaico-cristã e a metafísica

socrático-platônica são, para Nietzsche, nihilistas, uma vez que negam a vida e a consideram um erro (Machado 2001, p. 66). Ao negar a vida na terra, o socratismo e o cristianismo promoveram a ruptura entre o homem e a natureza. No momento em que nega a vida terrena, o homem nega a vitalidade imanente ao mundo.

O personagem Zaratustra percorre o longo e difícil caminho buscando tornar-se a si mesmo, recolhe-se em sua montanha e cultiva sua sabedoria por dez anos, decide presentear os homens com seu além-homem e desce da montanha, mas, por não ser compreendido, afasta-se de seus discípulos, pois, segundo ele, estes deveriam ser livres, solitários e «superá-lo» no caminho do além-homem (Machado 2001, p. 77). Zaratustra volta novamente ao cume da montanha e cultiva sua sabedoria. Após um sonho, acredita que sua doutrina está em perigo, e novamente deixa a montanha, retornando assim ao convívio dos homens. Neste percurso, através de suas experiências, recolhimento e retorno ao convívio dos homens, Zaratustra torna-se a si mesmo.

O tornar-se a si mesmo é, segundo Nasser, indissociável do deixar de ser quem se é. Para o autor, contrariamente à metafísica da dualidade, no pensamento nietzschiano não aparece noções de essência ou substância imóvel que determina um suposto ser. A essência que perpassa todas as coisas, a essência imanente às coisas, para Nietzsche, é o devir. Desse modo, a essência do ser humano é o vir-a-ser. Segundo Nasser, no pensamento nietzschiano, não se pode afirmar que exista um eu, ou ego determinante, uma vez que não há a conservação do eu, mas há a mutabilidade. Noções de eu, indivíduo, consciência, dizem respeito em Nietzsche ao que é «gregário» e «comunitário», isso implica que o refletir sobre si mesmo é um refletir sobre a sociedade na qual se está inserido. O buscar a si, na medida em que o «si» apresenta o sentido de substância, segundo o autor, é sinal de «adoecimento dos instintos contraído na sua passagem para a vida em sociedade» (Nasser 2011, p. 213). De acordo com o autor, aquilo que o indivíduo considera como si mesmo, é resultado do adoecimento, da repreensão dos impulsos apreendida na vida em sociedade. O buscar a si mesmo seria um distanciamento, do vir-a-ser, e desta forma, um distanciamento de si, pois, a consciência de si revelaria não o si, mas aquilo que é gregário. Siemens descreve a noção de pessoa ou indivíduo como indissociável de seus objetivos ou valores, estes que são socialmente construídos. O autor defende a «naturalização» dos valores através da «autonomia da esfera

normativa», o que seria possível através da tradução dos valores que «aparentemente» se tornaram independentes da natureza, de volta à natureza (Siemens 2016, p. 188). Para o autor, a naturalização dos valores requer um entendimento naturalizado do ser humano, a saber, uma compreensão não idealizada, uma compreensão que não seja a compartilhada pela sociedade, ou ainda, uma compreensão que não seja a gregária. De acordo com Siemens, a noção de autoconsciência e os julgamentos morais, não dizem respeito ao que é distintivo no indivíduo, mas às perspectivas e valores da sociedade, assim como a noção de substância e o sentimento de subjetividade. O indivíduo, ou ainda, o sujeito, na perspectiva de Nietzsche, é na verdade cósmico, e como tal, de acordo com Siemens, deve cultivar o «sentimento cósmico» que consiste no modo de relacionar consigo e com o outro para além das unidades do «eu» e do «tu». Estas unidades são criadas através de ficções a partir da multiplicidade de sentimentos e julgamentos (Siemens 2016, p. 207). Segundo o autor, mesmo em isolamento, na solidão, mantemos relações sociais conosco uma vez que, nesta relação, estão presentes hábitos provenientes da sociedade. Para que a liberdade individual seja concretizada, a saber, para que o indivíduo torne-se a si mesmo, ele não pode se sujeitar à lei moral, o que levaria à servidão. A naturalização dos valores exige do indivíduo decisão e esforço. Para que o indivíduo alcance a grande soberania, o tornar-se a si mesmo, é necessário que se sustente «a tensão entre o máximo antagonismo e a máxima ordenação na pluralidade das forças ou impulsos que constituem cada um de nós» (Siemens 2016, p. 212). As relações sociais são, segundo o autor, um impedimento para que o indivíduo não se desintegre durante a maximização dos antagonismos. De acordo com Costa, não é possível perguntar sobre um «Eu essencial», fixo, imóvel, uma vez que, de acordo com a filosofia nietzschiana esta concepção é «fictícia, fruto de uma criação» (Costa 2011, p. 305). Este Eu seria uma «unidade de sentido», através da qual se torna o que se é. É de acordo com suas interpretações que o homem cria a si. O Eu essencial teria, dessa forma, «um papel fundamental na afirmação de si como um destino», ele seria «a própria unidade de sentido pela qual se torna o que se é». Segundo o autor, é pela coordenação de impulso que se configura o cultivo de si. Para tornar-se a si é preciso «dominar o caos que se é», o homem deve «assenhorar-se» de tudo o que constitui o si, suas virtudes e crenças (Costa 2011, p. 309-310). Dessa forma, o homem deve interpretar suas vivências, deve conferir

à «multiplicidade de impulsos» que ele é, sua «unidade de sentido» (Costa 2011, p. 314).

O processo do tornar-se a si mesmo exige do ser humano decisão, esforço e coragem. É necessário que ele compreenda e reinterprete tudo aquilo que determina a existência de um eu substancial e imóvel. O indivíduo que decide percorrer este caminho deve ressignificar o mundo e a si mesmo, não sob o ponto de vista do pensamento idealista do platonismo e do cristianismo, mas do ponto de vista da própria vida e seu devir. Para tornar-se a si mesmo, o indivíduo deve reconhecer-se enquanto integrante do fluxo da vida e permeado pelas forças em luta por superação, vontade de potência.

É através das vivências, superações e interpretações de si que o homem torna-se quem se é. Uma vez que não há um eu fixo substancial, o tornar-se a si mesmo é autossuperação. No pensamento nietzschiano não há ideia de uma essência imóvel que determina todas as coisas, mas há apenas o devir. Desta forma, não se pode pensar em uma essência de ser humano, um eu imutável, fixo, uma vez que o próprio ser humano, assim como todas as coisas, é permeado pelo devir. A noção de um eu essencial seria, assim, uma noção criada e transmitida pela tradição metafísica. A autossuperação se dá pelo abandono do que possa afastar o ser humano de sua natureza mutável. O abandono daquilo que determina e constrói noções de realidades fixas, isto é, o abandono das noções da tradição metafísica e do cristianismo, o que levará à superação do niilismo. O tornar-se a si mesmo enquanto caminho de autossuperação, requer esforço constante do indivíduo, uma revisão e ressignificação de suas vivências e valores, no sentido de repensá-los tendo como parâmetro, não uma realidade perfeita e imóvel, mas a própria vida e seu devir. No processo de autossuperação, o homem perpassado pelo vir-a-ser torna-se um elemento cósmico, uma vez que ele vivencia o devir, e, tomado pelo devir, este deve ressignificar-se. O processo do tornar-se a si mesmo requer morte e renascimento, é necessário se colocar no plano do vir-a-ser, o que se dá pelo abandono da certeza que se tinha de si, a saber, a existência de uma essência definida pela tradição metafísica. Desta forma, o tornar-se a si mesmo enquanto caminho de autossuperação requer um esforço constante do indivíduo para uma revisão de si e de seus valores, no sentido de analisá-los tendo em vista o devir do mundo. Percorrer o caminho do tornar-se a si mesmo exige do indivíduo que este reinterprete suas virtudes, crenças e vivências.

## Conclusão

O percurso do tornar-se a si mesmo reconduz o indivíduo à verdadeira realidade, a saber, a vitalidade presente internamente à natureza. O socratismo e o cristianismo ao criar o mundo transcendente promoveram uma cisão entre o homem e a natureza. A partir da autossuperação, torna-se possível percorrer o caminho inverso, ou seja, percorrer o caminho da reconciliação entre o ser humano e o vir-a-ser, isto é, ligá-lo novamente à harmonia universal do devir. O *reiligare* em Nietzsche seria assim, o restabelecimento da ligação do ser humano com o pulsar da vida, ou seja, a vida em sua totalidade. A reconciliação entre o ser humano e a vida se dá através de um longo e difícil caminho, uma vez que para tornar-se a si mesmo, é necessário ir ao encontro de si, o que implica um abandono e uma reinterpretação das crenças, valores e experiências, ou seja, um abandono da noção de um eu substancial e fixo. O caminho do tornar-se a si mesmo é um longo e difícil caminho que exige do indivíduo coragem, esforço, decisão e recomeço, uma vez que, segundo Zarathustra, o pequeno homem, ou ainda, o niilismo resultante do idealismo platônico-cristão, retorna eternamente. Ao reconhecer-se enquanto elemento constituinte do devir, elemento este no qual ocorre a ação do antagonismo entre as várias forças que desejam impor-se, o ser humano que se lança no caminho do tornar-se a si mesmo deve sempre combater e reinterpretar o cansaço e o sentimento de que nada vale a pena, o sentimento de negação da vida.

**Conflito de interesses:** O autor declara não haver possibilidade de conflito de interesses. Aprovação do comitê de ética: Não aplicável a este estudo. **Contribuição de cada autor:** Regiani C. J. Ferreira confirma que conceituou, desenvolveu as ideias e escreveu a obra como autor único e leu e aprovou o manuscrito final para publicação. Para perguntas sobre este artigo, você deve entrar em **contato com:** (✉) regianicj@hotmail.com

## Referencias

- Costa, Gustavo. B. N. (2011). «O que pode o eu. A criação de si e a redenção de acasos». En: Leituras de Zarathustra, editado Rosa Dias, Sabrina Vanderlei e Tiago Barros. Rio de Janeiro: Mauad, pp. 301-315.
- Dias, Rosa Maria (1994). Nietzsche e a música. Rio de Janeiro: Imago.
- Machado, Roberto (2001). Zarathustra: Tragédia nietzschiana. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marton, Scarlett (1990). Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos. São Paulo: Brasiliense.
- Müller-Lauter, Wolfgang (1974). «Nietzsches Lehre vom Wille zur Macht». Nietzsche-Studien (3): pp 1-60. [Trad. A doutrina da vontade de poder em Nietzsche. Trad. por Oswaldo Giacoia Jr. São Paulo: Annablume, 1997].

Nasser, Eduardo (2011) «Como tornar-se o que se é': si-mesmidade e fatalismo em Nietzsche». *Dissertatio* (33): pp. 189-226. [HTTPS://DOI.ORG/10.15210/DISSERTATIO.V33I0.8723](https://doi.org/10.15210/dissertatio.v33i0.8723)

Nietzsche, Friedrich (1885). *Also sprach Zarathustra*. [Trad. Assim falou Zaratustra. Trad. por Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2014].

Nietzsche, Friedrich (1872). *Die Geburt der Tragödie oder Griechentum und Pessimismus*. [ Trad. O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e pessimismo. Trad. por J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992].

Siemens, Herman (2016) «Nietzsche e a sociofisiologia do eu». *Cadernos Nietzsche* (37): pp. 185-218. <http://dx.doi.org/10.1590/2316-82422016v37n1hs>

#### **Informação sobre a autora**

► **Regiani Cristina Jacinto Ferreira** é professora de Filosofia no Ensino médio pela Secretaria de Educação de Minas Gerais. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. Sua pesquisa é dedicada ao estudo da filosofia nietzschiana tendo como ênfase os temas religião em Nietzsche, tornar-se a si mesmo, autossuperação. Contato: Instituto de Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia. Av. João Naves de Ávila s/n, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. – (✉): [regianicj@hotmail.com](mailto:regianicj@hotmail.com) – [iD http://orcid.org/0000-0001-5121-7961](http://orcid.org/0000-0001-5121-7961)

#### **Como citar este artigo**

FERREIRA-JACINTO, R. C. (2021). «*Religare* em Nietzsche: tornar-se a si mesmo e autossuperação». *Analysis* 30,: pp. 201–209.